



Na reunião, a discussão em torno do código de conduta do grupo

Proem desconhece crise e agrada pais e alunos

NADIA TIMM
Da Editoria de Cidade

Existe uma escola em Brasília onde ninguém reclama nada. Os pais, alunos e professores estão satisfeitos e otimistas. É a Escola Aberta, para meninos de rua, ou Proem — Promoção Educativa do Menor — que funciona no Parque da Cidade, nos boxes onde é realizada, todos os anos, a Feira dos Estados. Ali, em 14 salas de aula improvisadas, nos "recantos", a diretora Maria Ieda Lopes garante que "a escola é feita pela escola".

Isto significa que nesta escola alternativa os 210 estudantes — na faixa dos 10 a 18 anos — que foram excluídos por repetência ou por terem passado da idade de frequentar um colégio de 1º grau estão, com apoio de seus pais e professores, superando a defasagem em relação às outras escolas. Segundo a diretora de ensino regular, Mirtes Macdowell, "apesar das circunstâncias difíceis no Proem o potencial humano é valori-

zado e a participação se dá em tantos níveis que ninguém sai dali ileso. Sai com a consciência de sua capacidade de transformação".

A escola existe há cinco anos e seu objetivo, conforme declarou a diretora Maria Ieda, é "ser um referencial de como trabalhar com crianças reprovadas. E buscar uma nova metodologia. Um trabalho importante, uma vez que o índice de evasão escolar no País é assustador". Explicou que a maioria das crianças que abandonam a escola o fazem porque "precisa de respostas diferentes das que lhes são dadas. Estas crianças não são menos inteligentes, existe uma defasagem estrutural e o referencial não pode ser a classe média".

A coordenadora de Apoio Pedagógico, Selene Brasil de Araújo, disse como os problemas são contornados. "A maioria dos meninos trabalha como engraxate, continuo, calibradores de pneus ou vigias de carro porque tem necessidade. Não temos como mudar esta realidade. O que

podemos fazer é acompanhá-los de perto, adaptando os horários de acordo com a disponibilidade deles".

Os alunos que não trabalham passam o dia na escola e todos têm direito a almoço, janta, banho e passagens para transporte. Na época da Feira dos Estados, em junho, a escola muda de local. Este ano a Churrascaria do Parque será adaptada para ser usada durante um mês e meio. Segundo Selene, se a Novacap adaptar mais seis boxes o Proem poderá comportar, até o final do ano, mais de 300 alunos.

O resultado do esforço é refletido em adolescentes como Luciton Barbosa Lopes, 16 anos. Ele entrou na escola aos 14 e era analfabeto. Hoje tem um objetivo. Quer ser músico, tocar trombone de vara e adiantou muito os estudos. "Em matemática estou no grupo 3 que corresponde ao que se aprende na 5ª série e em português estou no grupo 2, que corresponde à 4ª", contou envaidecido.

A novidade este ano é o ingresso de 36 meninas. E todas — como Adriana Apolinário, apelidada de "Xuxa" —, demonstraram estar satisfeitas. Desembarçada, a "Xuxa" soube contar o motivo de tanta alegria: "Aqui tenho coisas ótimas que eu não tinha antes. Aqui tenho comida, tomo banho, ando limpinha e as professoras conversam comigo. Lá na Escola-Classe 110 da Ceilândia Oeste não era assim não".

Para Josefina Soares da Cunha, mãe de sete filhos e Zilda Fernandes Nogueira, mãe de nove, ambas moradoras da Ceilândia, a escola para meninos e meninas de rua tem um significado especial: "As crianças não ficam o tempo todo na rua aprendendo o que não presta, elas estão mais calmas e não querem matar um dia de aula".